

Nota de Intenções – Marcelo Rebelo de Sousa

São três as palavras que tenho hoje para vos dizer. Simples e diretas. Tão simples e diretas como o sem número de conversas que convosco tive ao longo dos últimos cinco anos, em qualquer recanto de Portugal, cá dentro e lá fora. Que lá fora, milhões de compatriotas são Portugal. Sempre em obediência ao meu propósito, que é também o meu compromisso, muito simples e direto, cada Português conta.

A minha primeira palavra é para vos dizer que sou candidato à Presidência da República. Porque temos uma pandemia a enfrentar, porque temos uma crise económica e social a vencer, porque temos uma oportunidade única de, para além de vencer a crise, mudar para melhor Portugal: na economia, mas sobretudo, no nosso dia a dia, reforçando a nossa coesão social e territorial combatendo a pobreza e a exclusão, promovendo o emprego com investimento, crescimento e melhor distribuição da riqueza. Porque precisamos de o fazer, de continuar a fazer, com proximidade, com descrição, com pluralismo democrático, mas diálogo e convergência no essencial, com um Presidente independente, que não instabilize, antes estabilize, que não divida, antes una os Portugueses e que puxe sempre pelo que de melhor existe em Portugal. Porque não vou sair a meio de uma caminhada exigente e penosa, não vou fugir às minhas responsabilidades, não vou trocar o que todos sabemos irem ser as adversidades e as impopularidades de amanhã, pelo comodismo pessoal ou familiar de hoje porque, tal como há cinco anos, cumpro um dever de consciência. Digo-vos isto só agora, ou seja, anuncio-vos isto só hoje, porque quis promulgar as novas regras eleitorais antes de convocar a eleição. Porque quis convocar a eleição como Presidente antes de avançar como cidadão e ainda e sobretudo porque perante o agravamento da pandemia no outono, quis tomar decisões essenciais sobre a declaração do segundo estado de emergência, as suas renovações e a sua projeção até janeiro, em tempos tão sensíveis como o Natal e o fim do ano, como Presidente e não como candidato.

A minha segunda palavra é para vos agradecer a compreensão e o apoio manifestados desde 2016. Sem eles, teria sido mais difícil lidar com o esforço da saída do défice excessivo e a crise na banca em 2016, com a tragédia dos fogos em 2017, com a lentidão de tantos em entenderem os movimentos inorgânicos que irrompiam em 2018, com o longuíssimo processo eleitoral iniciado esse ano e concluído em 2019 e em especial com a pandemia, a paragem económica e o desemprego em 2020. Agradece-vos em especial a compressão e o apoio nos momentos mais sensíveis como foi o da minha iniciativa da primeira declaração do estado de emergência e as suas renovações ou em que não pude estar tão próximo como esperavam ou eu desejava ou em que eu terei agido de menos ou de mais no propósito de antecipar o de evitar confrontos dispensáveis. Podem ter a certeza de que tentei fazer sempre o melhor que sabia e que podia. Nos bons ou nos maus instantes, e a pensar no interesse público e nunca no interesse pessoal.

A terceira palavra, essa, uso-a para vos garantir que quem avança para esta eleição é exatamente o mesmo que avançou há cinco anos. Sou exatamente o mesmo. Orgulhosamente Português e por isso universalista. Convictamente católico e por isso dando primazia à dignidade da pessoa, ecuménico e contrário a um estado confessional.

Assumidamente republicano e por isso avesso a nepotismos, clientelismos e corrupções. Determinadamente social democrata e por isso defensor da democracia e da liberdade, toda ela, a pessoal, a política, a económica, a social, a cultural. Não da chamada democracia iliberal, que não é democrática nem da liberdade que o não é plenamente por ser vivida na pobreza, na ignorância ou na dependência. Sou exatamente o mesmo na visão de Portugal, plataforma entre culturas, civilizações, oceanos e continentes. Da constituição que votei com orgulho, que ajudei a rever, que jurei cumprir e fazer cumprir e que fiz cumprir, assim como dos poderes presidenciais e do seu exercício. Tudo o que disse e escrevi em 2015, mantém-se por igual. Como igual é o homem que o disse e o escreveu.

Portuguesas, Portugueses, a escolha é vossa. Renovar a confiança em quem conheceis, semana após semana, há pelo menos vinte anos, e em especial nestes cinco anos vividos em comum, feitos não apenas de palavras, mas também de atos, ou escolher alguém diferente com uma visão diversa daquela que vos propus e proponho para Portugal. Humildemente aguardo o vosso veredito. Tenho a certeza, que seja ele qual for, será para o bem de Portugal, que o mesmo é dizer, o bem dos Portugueses, todos eles, porque nestes tempos de sacrifício mais do que noutros de bonança, cada Português conta e é com cada um e todos eles que juntos vamos enfrentar a pandemia, vencer a crise e refazer Portugal.